

# Mãe Viva

Director: ANTÓNIO SANTOS

SEMANARIO

ANO III — N.º 115 — Preço 5\$00 — 28/9/78

## DE SEMANA A SEMANA

### Poder local e participação popular

A semana que findou assistiu a várias sessões de trabalho dos órgãos de Poder Local constitucionalmente definidos e existentes em Espinho com destaque para a sessão ordinária da Assembleia Municipal. Mas, além desta, esteve também reunido o Executivo da Câmara, para a sua habitual sessão de trabalhos quinzenal, havendo ainda a registar a publicação do relatório e contas da Câmara relativos ao ano passado.

A reflexão mais simples sobre toda esta actividade não poderá deixar dúvidas a quem esteja de boa-fé sobre a importância e o largo alcance de que se revestem as alterações surgidas na administração local depois do 25 de Abril.

Começando com a actividade das Comissões Administrativas, veio a confirmar-se no conjunto de leis publicadas sobre Poder Local a garantia de uma vida democrática nova para órgãos de poder que até 74 eram a expressão directa de um aparelho de Estado para quem o cidadão não passava de um servidor dos «interesses nacionais» definidos pelos donos da política e da economia do país. Hoje, pode dizer-se que se encontram criadas algumas das condições imprescindíveis para que o cidadão veja no Poder Local algo que lhe diz directamente respeito e que, como tal, exige a sua atenção permanente, a começar pela possibilidade fundamental de eleger os seus representantes mas que não deverá extinguir-se aí, pois que

a época de passar cheques em branco a indivíduos mais ou menos iluminados para que pensem e decidam por nós tem que ser uma prática de um passado que se deseja cada vez mais distante.

Infelizmente, o que se tem verificado em muitos casos é um grande alheamento e desinteresse dos cidadãos perante as actividades dos seus representantes que se encontram à frente dos órgãos locais. E isto deve-se, no nosso entender, a um hábito antigo de dezenas de anos, em que o desejo de participar e criticar eram recusados, e que a prática criada desde Abril está ainda longe de ter eliminado, tanto mais que nos tempos mais recentes tem sido evidente a vontade manifestada por certos sectores de que as populações se limitem ao voto, quando a isso chamadas. E se as pessoas não têm sabido aproveitar da forma mais correcta as novas formas de exercício do Poder Local em democracia, há por outro lado que afirmar que a nível dos responsáveis raras têm sido as medidas para, pedagogicamente, ir criando as condições para que o cidadão assumira com consciência crescente essa sua condição de fiel da balança no que diz respeito à defesa dos interesses da sua terra. Mas deve ainda acrescentar-se que para que a população se interesse é importante que sinta a viabilidade e significado concreto da sua intervenção, podendo perguntar-se se tal é possível enquanto os órgãos de poder

local não forem, efectivamente, mais independentes do poder central, enquanto, por exemplo, não for publicada a lei das finanças locais que venha a possibilitar a administração pelos órgãos locais de verbas substanciais e uma menor independência das famigeradas comparticipações do Estado, com a própria dependência política que tal situação pode ainda no presente momento arrastar consigo.

Convictos que estamos da importância da lei das finanças locais para a resolução dos graves problemas que ainda afectam tantas localidades do nosso país, esperamos também que da sua aplicação venha a resultar um renovado interesse pela vida política e administrativa local por parte de populações que, na prática, não têm sentido qualquer incentivo especial para se preocuparem com o que, afinal, lhes diz respeito sobretudo a elas. De outra forma, a persistir, para se agravar, o alheamento e desinteresse presentes, é muito possível que o exemplo de Mirandela se repita em muitos outros locais, com desprestígio para a democracia e, sobretudo, com a lamentável perda da capacidade de intervenção das populações na resolução dos problemas que lhes dizem respeito. E um país com tantas dificuldades como o nosso não poderá, sem graves consequências, prescindir da participação activa, interessada e crítica de homens e mulheres que terão uma importante palavra a dizer na construção do nosso futuro colectivo.

## HOSPITAL GERA MOVIMENTAÇÃO

«O Hospital de N.º Sr.ª da Saúde de S. Paio de Oleiros, actualmente a funcionar como concelho da Feira, tem vindo a sofrer importantes obras de remodelação. Concluída a primeira fase do projecto, e com a segunda em vias de conclusão, era de esperar a execução da terceira e última fase, sem a qual as anteriores ficam lamentavelmente truncadas.

Infelizmente, e com grande espanto e indignação de quem se interessa pelo assunto (aqueles que em 1973 arrancaram com as obras e os que as secundaram entusiasticamente com o seu dinheiro) a execução dessa terceira fase não foi ainda autorizada, nem se vislumbra quan-

ainda no comunicado:

«A incerteza da realização das obras compromete escandalosamente os 150.000 contos que custaram as duas primeiras fases. A terceira fase custaria apenas uma fracção mínima da quantia já gasta e completaria um hospital moderno de 120 camas para um concelho de 100.000 habitantes. A falta da terceira fase torna o hospital inútil por falta de condições».

Assim, e ciente da necessidade de intervir para defender o que julga os interesses da população, o referido «Movimento» convidou a população para uma visita pública às obras, «uma visita de esclarecimento para que todos vejam como



MANIFESTAÇÃO EM OLEIROS, POR UM HOSPITAL QUE SIRVA O POVO.

do e se o será».

Assim principia um comunicado que nos foi enviado pelo «Movimento Pró-Obras do Hospital de S. Paio de Oleiros», recentemente formado para «pugnar pela conclusão dessas obras». Para comprovar a justiça desta pretensão, afirma-se

iríamos ficar bem servidos se as obras se acabassem».

Perguntando «Se nós não olharmos pelos nossos doentes — quem o fará?», o «Movimento Pró-Obras» organizou a visita no passado sábado, convicto de que com isso poderia des-

continua na página 3

## ASSEMBLEIA MUNICIPAL

### Espinho adere à Associação de Municípios do Porto

Reuniu a Assembleia Municipal de Espinho no passado dia 22, notando-se a falta de vários dos seus vogais, talvez ainda por efeito das férias.

A sessão decorreu de forma frutuosa. Pena foi que houvesse uma intervenção menos feliz de alguém que se diz democrata e que classifica a democracia de forma inadmissível para todos os democratas e especialmente para quem, mercê dessa democracia, se senta naquelas cadeiras em representação do povo.

No período antes da ordem dos trabalhos é de salientar a

proposta do vogal independente Alvaro Matos, aprovada por unanimidade, e segundo a qual será constituída uma Comissão para estudar o Contrato de Concessão do Jogo à Solverde, em todos os seus aspectos, de modo a poder informar correctamente a Assembleia sobre as obrigações da empresa e forma como têm sido cumpridas, e se necessário apresentar propostas de intervenção da Assembleia.

O presidente da Junta de Guetim pediu que a Câmara providenciasse as reparações necessárias no edifício da Guar-

continua na página 4

## «DE ESPANTO E ARMA NA MÃO»

Acerca do local com este título publicada no passado número, recebemos a carta que se publica a seguir:

Vem publicado no n.º 114 do jornal que V. Ex.ª dirige uma notícia, em lugar destacado da primeira página, onde sou apresentado em termos que ofendem a minha condição de homem e

são desprestígiadas para as funções que exerço por voto livremente expresso dos meus conterrâneos.

Fui no dia 15 procurado, na sede da Junta da Freguesia, por

### Bombeiros de Espinho:

### A Direcção tem a palavra

LEIA NA ÚLTIMA PAGINA

um indivíduo que pretendia lhe fosse passado um atestado que não correspondia à verdade. Expliquei-lhe que tal pretensão não podia ser satisfeita e nem devia ser formulada. O senhor retorquiu grosseiramente, tendo eu, com muita paciência, como pode testemunhar o funcionário da Junta e as pessoas presentes, voltado a explicar-lhe a impossibilidade de passar o atestado pretendido. Não contente continuou a barafustar, impossibilitando assim a continuação do diálogo.

No passado dia 16, quando passeava pacatamente com a família nas festas de N.ª S.ª da Ajuda, fui surpreendido com injúrias soezes proferidas pelo mesmo indivíduo que, para evi-

continua na página 4



## CENTRO DE ESTUDOS

Como tem sucedido todos os anos, também no ano lectivo que agora se vai iniciar a Nascente porá à disposição dos trabalhadores-estudantes o seu Centro de Estudos, criado para apoiar aqueles que por razões económicas e sociais se viram em devido tempo impedidos de prosseguir a sua formação escolar. Assim, as inscrições para este ano podem ser feitas a partir do próximo dia 2 no Centro Livreiro, sede da Cooperativa Nascente, todos os dias, entre as 19 e as 20 horas. Contamos dar no nosso próximo número indicações mais desenvolvidas do que vai ser a actividade do Centro de Estudos, bem como um ligeiro balanço dos resultados obtidos no ano que findou.

## Da reunião da Câmara

### AINDA A SOLVERDE!

Na última reunião da Câmara Municipal foram recebidos dois ofícios do Conselho de Inspeção de Jogos relacionados com as obrigações contratuais da Solverde. Um deles a informar que, por despacho do Secretário de Estado do Turismo, foi indeferido o recurso hierárquico apresentado pela Solverde relativamente à sua contribuição para o pontão sob a via férrea, em que esta pretendia pagar o estipulado no contrato e não o decidido posteriormente pelo Conselho de Inspeção de Jogos, devido ao período de funcionamento do Casino ter sido aumentado de seis meses para um ano. O outro ofício informava que o referido conselho irá diligenciar para que o processo respeitante

ao Hotel de Apartamentos, que a Solverde tem que construir ao abrigo do acordo de exploração da zona de jogo, não sofra quaisquer atrasos, concordando com a posição da Câmara sobre o assunto, e que «Maré Viva» revelou na altura devida.

Retira-se, por outro lado, que foi aprovado o relatório de Contas dos Serviços Municipalizados, recebido o regulamento para vendedores-ambulantes, ao qual irá ser acrescentado normas de âmbito local e competência da Câmara e acordada uma reunião com entidades ligadas no aeródromo, a fim de ser revista a sua situação, principalmente no que diz respeito à estrada que atravessa o campo de aviação e onde já têm ocorrido vários acidentes

## Ergue-se a «Pirâmide»

Realizou-se no passado dia 21 mais uma reunião de associações, colectividades e outras estruturas da freguesia de Espinho para a formação da Comissão que programará e coordenará na nossa cidade a realização da operação «Pirâmide». A operação «Pirâmide», como já noticiámos é uma iniciativa que pretende substituir o tradicional pedidório da Cruz Vermelha por uma série de iniciativas de carácter cultural e desportivo e pela recolha de donativos da mais diversa natureza. As quantias apuradas serão aplicadas na construção de habitações, no apoio a crianças necessitadas, no apoio a deficientes físicos através da compra de material ortopédico e, ainda, na compra de medicamentos. De salientar que as verbas destinadas à habitação serão gastas em materiais e apoio técnico, cabendo ao futuro proprietário a responsabilidade da construção; se o proprietário vier a abandonar a casa esta transitará para a Cruz Vermelha que o indemnizará dos gastos havidos.

Após terem sido prestados estes e outros esclarecimentos passou-se à formação da comissão que, no final, ficou constituída pelos representantes das seguintes estruturas: Sporting

Clube de Espinho, Associação Académica de Espinho, Cooperativa Nascente, Academia de Música de Espinho, Centro de Saúde, Bombeiros Voluntários de Espinho, Bombeiros Voluntários Espinhenses, Associação Comercial, Lyon's Club, Liceu de Espinho e Conferência de

## Dia Mundial da Música

Concerto de Piano e Violino, no dia 4, às 22 horas, no Hotel Praiagolfe, em organização da Academia de Música e patrocínio da SEC.

## MARÉ VIVA SEMANÁRIO

Director: ANTONIO SANTOS

Redacção: RUA 62 N.º 251-1.º TEL. 921621 — ESPINHO

Propriedade: NASCENTE — COOPERATIVA DE ACÇÃO CULTURAL, S. C. R. L.

Fizeram este número:

Ana Maria, António Santos, Augusto Mota, Casal Ribeiro, Dário Capela, Eugénio Morais, Fernando Valadas, João Barrosa, José Cruz, Morais Gaio e Moreira da Costa.

Composição e impressão:

TIPOGRAFIA MENESES — COOPERATIVA GRAFICA DE ESPINHO, S.C.R.L. RUA 14 N.º 903 — TELEF. 921016

S. Vicente de Paula.

Ficou já marcada para o dia 3 de Outubro uma reunião desta comissão com o núcleo de Espinho da Cruz Vermelha para iniciar a programação do trabalho.



## S. PEDRO

Dia 28, Quinta-feira

A VOZ DO SILÊNCIO

M/ 13 anos

Fita indiana. Revisão da matéria dada.

Dia 29, Sexta-feira

PRESSA DE VIVER

M/ 18 anos

Um tema bastante difícil de tratar é posto em cinema pela mão conhecedora de Eduardo Molinaro. A vida agitada de um homem que procura atingir de uma só vez as metas que cada um de nós idealiza em sonhos, é razoavelmente representada por Alain Delon, o que equivale a dizer que supera momentaneamente a mediania dos seus últimos filmes.

Dia 30, Sábado

O ÚLTIMO MUNDO CANIBAL

M/ 18 anos

Em estilo pretensamente documental vários são os filmes que nos têm mostrado vários aspectos chocantes do dia a dia mundial, procurando com isso captar, de forma comercial e por vezes demagógica, a nossa atenção e conseqüente indigna-



## ESTA CIDADE

### É pegar ou largar!

O produto milagroso, a pomada ou o pó mágicos que curam tudo, calos, dores de barriga, mordidas de pulgas, soltura, unhas encravadas, prisão de ventre, falta de ar, dores de dentes, reumatismo, arrepios e outros males terríveis do nosso século.

E pronto, um punhado de gente, dilatado minuto a minuto, procurando encontrar na festa que se vem decalcando a papel químico, algo de diferente, de excitante, estaca, boca aberta, perante a vendedora ambulante, sem papas na língua, ouvindo o desfiar das maravilhas da super-poção. Há quem desconfie, quem fique de nariz torcido, com a picadela da dúvida. Que raios de pó será este? O que é que esta mulher quer? Mas os incrédulos são depressa postos ao canto da sala, atirados para fora do campo. Desconfiar de remédio milagroso é uma heresia.

E não é por duzentos, nem por cento e oitenta, nem por cem, nem por quarenta, nem por vinte, apenas uma nota de cinquenta, que é mais barato! É pegar ou largar! Até porque não se está aqui para enganar ninguém! E ainda noutro dia, um chefe de família, por ter deitado fora este produto, caiu das escadas abaixo e partiu os óculos, que até eram graduados.

Vá mas é de empurrar, de acenar com a nota, de lutar desesperadamente pela felicidade empacotada, ao dispôr de todas as bolsas. E é um para aquela senhora, dois para o cavalheiro de boné e cinco para aquela outra senhora de vestido amarelo. Não é preciso desesperar que isto chega para todos, meu povo! A vossa felicidade está aqui nas minhas mãos!

E, depois, se se ficar com os intestinos desarranjados por ter tomado o pó, se o governo desgoverna, cai e empena, se se fica com dores de cabeça, se não há dinheiro para viver, se as crises governamentais se repetem como as festas em Setembro, não é culpa do remédio cura-tudo, é culpa, sim, dos subversivos, dos incrédulos.

cão. São exemplo desse tipo de filmes, «Mundo Cão», «As Escravas Ainda Existem» e outros. No caso presente, é objectivo provocar a repugnância fácil com um exibicionismo abjecto. De desprezar decididamente.

Dia 1, Domingo

O FILHO PRÓDIGO

M/ 18 anos

Desde há muito que deixamos de registar qualquer alusão a Jean Sorel. Não é uma questão de saudades, pois por sinal elas não são nenhuma. Apenas uma certa estranheza. Mas eis que ele nos surge agora numa fita policial, num todo

comparável ao seu pior. É caso para dizer: antes se deixasse estar quietinho.

Dia 3, Terça-feira

O ÚLTIMO VIRA EM PARIS

M/ 18 anos

Na sequência da acesa controvérsia surgida com a exibição internacional do filme de Bernardo Bertolucci, «O Último Tango em Paris», várias foram as pretensas réplicas ou sátiras que então se engendraram. Esta é mais uma dessas a que nos referimos. Aliás pelo título português ainda mais se adivinha o ridículo de que está fornecido.

## FARMÁCIAS

Quinta — Farmácia Teixeira — Rua 19 n.º 46 - Tel. 920352  
Sexta — Farmácia Santos — Rua 19 n.º 263 - Tel. 920331  
Sábado — Farmácia Paiva — Rua 19 n.º 319 - Tel. 920250  
Domingo — Farmácia Higiene — Rua 19 n.º 393 - Tel. 920320  
Segunda — Grande Farmácia — Rua 62 n.º 457 - Tel. 920092  
Terça — Farmácia Teixeira — Rua 19 n.º 46 - Tel. 920352  
Quarta — Farmácia Santos — Rua 19 n.º 263 - Tel. 920331



## OLEIROS

## Hospital gera movimentação

pertar o interesse público para uma situação que prejudica a população de uma vasta área.

E assim foi. As três da tarde era enorme o número de pessoas que residentes naquela freguesia e noutras vizinhas quiseram mostrar o seu desagrado pela forma como as entidades oficiais estão a tratar o assunto. Uma breve série de pequenos discursos serviu para explicar aos presentes a razão da sua convocação e torná-los mais conscientes da situação.

O Dr. Arménio, membro da Liga dos Amigos do Hospital, falando em nome da Fundação Joaquim Sá Couto, fundadora do hospital, afirmou, entre outras coisas:

«Sabeis que o velho hospital de S. Paio de Oleiros, concelho da Feira, tem técnicos capazes, tem 22 médicos de 14 especialidades, um corpo de enfermagem que se multiplica em esforços para compensar as carências. O nosso velho hospital tem um movimento em número e qualidade de serviços prestados que é o 3.º dos Hospitais Concelhios do Distrito de Aveiro, logo a seguir ao de Águeda e fica muito acima de muitos hospitais do país. Ora, se assim é com todas as carências em matéria de instalações, como será o moderno hospital? E é intenção de todos os clínicos intensificar ainda mais a sua actuação, aumentando o movimento e criando o Serviço Médico Permanente, aspiração suprema destas populações. Mas contra tudo isto querem agora os teóricos de gabinete de Lisboa que fiquemos por aqui, que nos resignemos a andar para trás como os caranguejos. Vamos fazer-lhes a von-

tade? De modo algum!

Em 18 de Fevereiro de 1977 vieram cá vários inspectores superiores de Lisboa, Coimbra e Aveiro, conhecer o que desconheciam, a realidade desta obra que está bem à vista de todos que queiram ver. Perante a grandiosidade da obra que desconheciam e lhes contrariava o conceito teórico de que os hospitais concelhios não devem ter sala de operações, nem serviço de urgência e devem servir para muito pouco ou quase nada, arranjaram pretexto de apelar à obra de clandestina, e trataram de impedir que a Direcção-Geral das Construções Hospitalares arrancasse com a 3.ª fase logo a seguir à 2.ª fase agora em conclusão. Imaginem senhoras e senhores, imaginem esta obra na boca deles é clandestina... Funcionários superiores do Estado da Direcção-Geral de Saúde, que têm o dever de saber melhor, chamam clandestina a uma obra financiada pelo próprio Estado!

Em resumo querem os ilustríssimos senhores de Lisboa que acabada a 2.ª fase não se execute a 3.ª fase prevista com sala de operações moderna e apetrechada, serviço de urgência com médico permanente e consultas de especialidades. Que significa isto? 1.º, o velho hospital com 84 camas em vez de ser substituído por outro hospital novo com as 120 camas previstas vai ser substituído por um hospital inacabado, com 42 camas apenas. Agradam-vos a hipótese? 2.º, deixa de haver sala de operações e quando necessitardes de serdes operados terdes de ir ao Porto, a S. João da Madeira ou Aveiro. Agradam-vos a hipótese? 3.º, o hos-

continuação da página 1

pital de Oleiros ficará inacabado depois servirá para muito pouco e de certeza ficará vazio. Agradam-vos a hipótese?

E, como se isto já não fosse bastante, significa ainda que os milhares de contos com que muitos de vós contribuístes para as obras em tempos em que o dinheiro valia três vezes mais vão ser deitados ao lixo. Agradam-vos a hipótese? Será preciso lembrar que em 1968, quando se iniciaram os projectos, se dizia que o concelho da Feira tinha 90.000 habitantes e que agora se diz que tem 120.000? E daqui a dez e a vinte anos quantos terá? Será preciso lembrar-lhes que as freguesias mais directamente servidas pelo hospital totalizam uma população de 60.000 habitantes o equivalente a uma cidade das mais importantes no nosso país? Será por fim necessário lembrar-lhes que em tempo de ditadura a vontade das populações foi atendida, e que estamos em riscos de em democracia ser essa vontade contrariada? O que além de absurdo é inaceitável. Unamo-nos, pois, que a vontade das nossas populações não deixe de ser cumprida. Exigimos que nos ouçam e que a 3.ª fase seja iniciada já.

Por sua vez, um representante sindical teve a ocasião de dizer: «Desde a primeira hora que os sindicatos, órgãos representativos dos trabalhadores não podiam deixar de apoiar o Movimento Pró Obras deste hospital. Nesta hora difícil que se está a atravessar não podíamos ficar com a nossa voz calada por vermos que os governantes do nosso país estão a defraudar os interesses dos trabalhadores e do povo em geral.

Por isso repudiamos as manobras do Governo e dizemos que queremos que o Governo Português dê ordens rápidas no sentido que a 3.ª fase destas obras seja o mais rapidamente possível concluída.

Por isso, caso o Governo deste país disser não à 3.ª fase, estamos na disposição de incentivar formas de luta de maneira a pressionar o Governo. Não podemos consentir que determinados médicos no futuro queiram fazer deste hospital os seus consultórios particulares, cobrando grandes somas pelas suas consultas e não dando qualquer contribuição ao mesmo hospital. Mas apoiaremos sempre aqueles que estejam na disposição de servir o hospital e o povo em geral, não se servindo dele para fins particulares e de proveito próprio, mas servindo o povo e o próprio hospital porque o hospital é do povo para servir o povo!»

A Junta de Freguesia, representada no «Movimento», viu também a sua posição esclarecida, através do Sr. António Rocha, que disse, nomeadamente:

«Para fazer uma obra deste tamanho, para gastar o dinheiro que se gastou e chegar a este ponto e dizer! «Alto! Parel! Não passa daqui!», mais valia não fazer nada. É por isso que nós temos tido o máximo cuidado em explicar a quem nos pergunta o porquê deste movimento. Explicar-lhes que aquilo que nós queremos é apenas que se faça render o dinheiro que se gastou. Porque para fazer uma obra com o pequeno tamanho que agora pretendem dar a esta obra não eram precisos tantos projectos, não era preciso tanto dinheiro, não eram precisos cinco andares neste hospital, não era preciso empenhar tantas forças e por isso nós que-

## EM GUETIM

## Assembleia de Freguesia sem PPD

Os elementos da Assembleia de Freguesia de Guetim que foram eleitos pelo PSD apresentaram a sua demissão e abandonaram a A. F.

Composta inicialmente por 7 elementos, 4 da CEIFG e 3 do PSD, a A. F. está neste momento reduzida a 4 elementos

Conforme já foi noticiado no «M.V.», o primeiro elemento do PSD a abandonar a A. F. foi Américo R. Santos, cabeça de lista daquele partido aquando das eleições, invocando razões de saúde. É então convidado a integrar a A. F. o 4.º elemento da lista, Manuel Fernandes Dias Alves que mais tarde vem a apresentar a sua demissão.

Em Novembro de 1977, Manuel Fernando de Oliveira Barros apresenta a sua demissão, invocando motivos profissionais; era o 2.º elemento da lista. Face a esta demissão são sucessivamente convidados o Dr. Fernando Silva, António Ferreira Vaz, César Resende de Almeida, José da Rocha Nunes, Januário Pereira e, finalmente, Eusébio Amorim Rodrigues. Todos declinaram invocando motivos profissionais. O último foi invocado em Maio de 1978, ficando assim esgotada a lista do PSD.

A A. F. na prática só funcionou com 5 elementos desde Setembro de 1977. Em 8 de Setembro de 1978 Manuel Oliveira Ramos, 3.º elemento da

lista do PSD apresenta a sua demissão, invocando decisão tomada nesse sentido pelo Núcleo Local do seu partido.

Segundo um elemento ligado à A. F. a situação profissional dos elementos da lista do PSD não se modificou desde que se candidataram. O que se poderá concluir daqui? Desinteresse pelos problemas de Guetim (o que é grave) ou (ainda mais grave) irresponsabilidade de quem se candidatou a tal posto?

De salientar o facto de Manuel Oliveira Nunes ter sido obrigado a demitir-se. Segundo o já citado, elemento afecto à A. F., defendia posições coincidentes com as da maioria e isso não terá interessado aos seus correligionários. Foi ainda salientado que não se confundem os elementos honestos do PSD com as cúpulas do seu partido que deram provas de não estarem interessados na resolução dos problemas que Guetim tem.

O PSD emitiu um (mini) comunicado a propósito do caso em que afirma retirar a sua representatividade (?) da A. F. face à actual conjuntura política (nacional? local?).

Os dirigentes do PSD resolveram abandonar a A. F. de Guetim. Demonstraram assim como defendem os interesses dos seus eleitores...

## Assembleia de Freguesia de Silvalde vai reunir

No próximo dia 29 do corrente, pelas 21,30 horas, realiza-se no Salão Paroquial de Silvalde, uma sessão ordinária da Assembleia de Freguesia de Silvalde, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

- 1 — Dar cumprimento ao disposto no n.º 1 do Art.º 12.º da Lei 79/77 de 25/10;
- 2 — Diversas informações a fornecer pela Junta de Freguesia;
- 3 — Tratar de diversos assuntos de interesse para a Freguesia.

## CENTRO DE ENFERMAGEM DE ESPINHO Rua 16 n.º 868

Todo o serviço de enfermagem no Centro e ao domicílio. Aluguer de oxigénio e camas articuladas

Horário: 9 às 12,30 e 14 às 19 h. Domingos e Feriados 10 às 12 h.

Telefones 921587 e 922329

## Festival em S. Félix da Marinha

De S. Félix da Marinha chegam mais uma vez boas notícias. Desta feita trata-se da informação que nos foi enviada de que vai ter lugar no próximo dia 30, pelas 21,30 e no parque de jogos do clube local, um interessante festival de variedades, que se destina a obter fundos para as despesas com a realização de diversas iniciativas integradas nas comemorações do Ano Internacional da Criança que aquele clube irá patrocinar em 1979.

Do festival constam duas partes distintas. Primeiramente, tocar-se-á e cantar-se-á o fado, com vários intérpretes, seguindo-se a participação de alguns conhecidos cantores de intervenção, entre eles, Manuel Freire, J. Jorge Letria e Luisa Basto. Portanto, uma boa sessão à nossa espera, ali já à saída da cidade. E com vantagem de se destinar a um fim mais que justificado.

## MOÇÃO

Na parte final da manifestação, foi aprovada a seguinte moção:

*Sendo de inteira justiça a aspiração da população, não só de S. Paio de Oleiros mas também das freguesias circunvizinhas, assim se propõe que:*

1.º — Seja criada uma delegação para transmitir

aos órgãos de soberania o desejo expresso da população aqui presente.

2.º — Que a população seja informada das diligências e dos resultados delas.

3.º — Em caso de resultados negativos, que se desloque a Lisboa uma representação das populações a fim de apresentar as aspirações das mesmas.

## OPINIÕES

*Esta visita transformou-se numa autêntica manifestação e foi-nos possível durante essa visita e essa manifestação esclarecer o povo mais interessado na conclusão das obras do hospital, em que pé se encontravam essas obras e que é que nós entendíamos que devia ser feito para obtermos a conclusão das obras, e ao mesmo tempo dirigimo-nos ao povo para obtermos o seu apoio. O apoio popular foi absoluto, incondicional. O povo sabe muito bem aquilo que precisa e só não sabia o que as fontes de decisão estavam a fazer ou não fazer para o levar a cabo.*

(Dr. António Rocha, da Junta de Freguesia)

*Nós queríamos que fizessem um hospital grande, para a gente quando precisar não ter de ir para longe, precisamos que façam a 3.ª fase.*

*Quando pretendemos fazer análises temos que ir para o Porto ou para outro lado, e assim tínhamos aqui à beira e era melhor. O nosso povo cá diz que foi o Governo que saiu que não deixou as obras seguir, poris-*

*so queremos que o próximo Governo ande com as obras para a frente. Eu ainda a semana passada estava aflita com bronquite e tive que ir à meia noite para o hospital de Espinho, por aqui não ter aparelhos para dar oxigénio. Aqui não tem nada, a gente estamos ali internadas e por vezes necessitamos dum médico e não há. Mas as obras têm que ir para a frente nem que tenhamos todos de dar um dia de salário.*

(Duas operárias corticeiras)

*Pois quanto a nós, ou bem que se anda para a frente, ou que se anda para trás. É uma coisa que é necessária na freguesia até porque nasce aqui muita criança. Aqui nesta luta não se trata de rivalidade entre partidos, embora achemos que alguns partidos apoiam. Eu já tive um desastre há 3 anos, parti as duas pernas, tive que seguir para o Porto, cheguei lá em péssimas condições, pois só havia uma ambulância muito velha em Esmoriz, e levei uma hora até ao Porto.*

(operário)



## «De espanto e arma na mão»

continuação da página 1

tar maiores aborrecimentos, me obrigaram a regressar a casa com muito desgosto e mágoa. No dia seguinte, domingo, ao passar na rua 23 sou novamente injuriado e nessa altura não me pude conter e reagi da forma que consta da participação entregue na polícia e no tribunal competente, cujo veredicto aguardo confiadamente.

Isto, senhor Director, muito sumariamente o que se passou e que não teria importância de maior se não estivesse envolvida a minha pessoa que o Dignissimo reporter classifica de: «vilão, herói» etc.

A Constituição da República reconhece a todas as pessoas o direito ao bom

nome e reputação e o regime democrático saído do 25 de Abril pressupõe o respeito pela liberdade e dignidade da pessoa humana e não se me afigura, quer pelo relevo que à notícia foi dado, quer pelos termos em que vem redigida que se tenha procurado corresponder àqueles princípios. Deixo à consciência de V. Ex.<sup>ª</sup> verificar o que acabo de dizer.

Não evoco a Lei de Imprensa para a publicação desta carta, no mesmo local e com o mesmo destaque, na «Maré Viva» por estar convencido de que tal não é necessário.

Silvalde, 25 de Setembro de 1978.

Adão Loureiro

### Nota da Redacção

É evidente que o Sr. Adão Loureiro é pessoa bastante nervosa e dotada de pouco humor. Que não tem humor, depreende-se por levar à letra o uso de termos como «herói, vilão» e, por certo, outros utilizados e com que se pretendeu dar um tratamento irónico ao assunto, mais do que apresentá-lo com a gravidade que talvez justificasse.

Que é pessoa nervosa e que se descontrola facilmente demonstra-o, por exemplo, a sua confissão de que «não se pôde conter» e a sua intervenção na recente sessão da Assembleia Municipal onde, falando sobre o mesmo assunto, manifestou em termos bem diferentes dos desta carta o seu apreço pelo regime democrático saído do 25 de Abril.

## PONTO DE VISTA

continuação da página 8

pobre, que nem a actividade «benemérita» da Solverde poderá por certo esconder. E quando se reconhece que as futuras praias de Espinho estão a sul, não se vê como é que isso levará a que se ofereçam melhores condições a quem as procurar, pois tudo está ainda dependente de estudos que nunca mais terminam, ficando no ar a dúvida se à Comissão não se deve exigir mais do que aguardar a conclusão desse estudo, criando desde já as condições mínimas para que parte dos que procuram o mar se fosse desviando para aquela zona.

Da entrevista que temos vindo a comentar, ressalta ainda o evidente desinteresse que os actuais responsáveis manifestam perante tudo o que seja fazer qualquer esforço no sentido de prestar a devida atenção ao desenvolvimento do turismo virado para as massas traba-

lhadoras nacionais, privilegiando-se claramente um turismo pretensamente de elite que se ainda vem a Espinho é apenas por causa da possibilidade de passar emocionantes momentos diante da mesa de pano verde. Quanto aos trabalhadores da região e de outras áreas do país, para além de «amáveis» referências de atenção e direito a igualdade de tratamento, fica-lhes a certeza de que em Espinho só se for o futuro apart-hotel da Solverde que, como se sabe, lhes ficará acessível com a simples compra de um postal ilustrado. Porque quanto a parques de campismo há muito prometidos mas nunca vistos ou contactos com sindicatos e iniciativas coordenadas com entidades responsáveis pelo turismo e pelo bem-estar dos trabalhadores, enfim, «a falta de estruturas», não é, «a dificuldade

de avançar com o processo», pois, pois a clara falta de vontade, é o que é.

Entretanto, nem tudo são contrariedades, pois é já seguro que no próximo ano não se verificarão as divergências que agora surgiram entre poder local e Solverde, empresa que por força da lei tem de aplicar uma significativa verba em actividades de propaganda turística. Como se processou a resolução do diferendo é coisa que ainda se ignora, mas o que já se poderá ir adiantando é que com diferendo ou sem ele, com ou sem Comissão de Turismo, com «grandes realizações» no verão e pequenas no inverno ou vice-versa, tudo irá continuar sensivelmente na mesma. Com uma diferença, que é por certo a esperança do turismo entre nós: a primeira semana gastronómica de Espinho. É fartar vilanagem...

## Assembleia Municipal

continuação da página 1

da Nacional Republicana, onde até chove, de modo a dar um mínimo de condições àqueles que servem as populações. Uma proposta do representante da Junta de Anta para que fosse incluída no orçamento de 1979 a verba para comprar o material adequado e suficiente para que a recolha do lixo seja extensiva a todas as freguesias do concelho, foi recusada especialmente por os vogais entenderem que não é assunto para tratar neste período mas sim quando da discussão do plano de actividades e orçamento de 1979.

O presidente da Junta de Silvalde, demonstrando grande nervosismo, insurgiu-se contra a publicação num jornal local, (Maré Viva) que não referiu, numa notícia que lhe diz respeito pessoalmente e que não lhe agradou. O seu nervosismo levou-o a dizer que é para isto que serve esta «porca democrática», frase indigna de um vogal numa Assembleia democrática e que infelizmente não mereceu da Mesa, nem de qualquer vogal, uma palavra de repúdio como seria de esperar. No pri-

meiro ponto do período da ordem dos trabalhos o presidente da Câmara fez uma detalhada exposição sobre a forma como tem sido executado o plano de actividades aprovado pela Assembleia. Entre o muito que foi dito sobre o que está concluído, em curso de concretização e seguindo os processos burocráticos, sobressai a informação sobre as 35 salas de aula para o ensino primário, a perspectiva de as obras do Ciclo Preparatório arrancarem a curto prazo e o facto da ligação à Granja estar bem encaminhada, pois já está garantido o alojamento para as famílias a desalojar e a Câmara de Gaia já tem o projecto pronto para concurso e tem a respectiva verba assegurada, esperando-se para muito breve que sejam declarados de utilidade pública os terrenos a expropriar.

Esta exposição não mereceu qualquer reparo da Assembleia. O orçamento suplementar dos Serviços Municipalizados, segundo ponto dos trabalhos, foi aprovado por unanimidade mas a Assembleia decidiu também

que futuros orçamentos fossem previamente examinados por uma comissão a constituir em cada caso e que deveria estar presente à discussão um funcionário responsável, visto não se conhecerem as justificações para as verbas inscritas.

No terceiro ponto da ordem dos trabalhos estava em causa a proposta de adesão à Associação de Municípios da Aglomeração do Porto e a aprovação do tipo de organização Administrativa a adoptar para esse efeito. Assunto deveras importante para o futuro do desenvolvimento do concelho, que tendo baixado ao Conselho Municipal, que apresentou o seu parecer, não deu lugar a debate dada a manifestação de agrado e aprovação por parte dos vogais dos vários grupos partidários quanto ao parecer do Conselho Municipal. Apresentada uma proposta de grupo do Partido Socialista concordante com o parecer do Conselho e dando poderes ao Executivo para a concretização do tipo de organização a adoptar, a mesma foi aprovada por unanimidade.

### FONSECA

TECIDOS — MODAS

Rua 19 n.º 275  
Telef. 920413  
ESPINHO

### Pintura de automóveis

com rapidez e perfeição

Alzira Pereira de Azevedo

Garagens: SOUSA e S. PEDRO

### Supermercado do Lar

CAMPANHA DO MÊS

Papéis de parede desde 100\$00 o rolo — Alcatifas de 1.ª desde 120\$00 o m2 — Móveis de sala desde 17.500\$00  
Cozinhas por elementos — Candeeiros — Maples — Arcas

Tapeçarias — Tudo para o seu Lar

Descontos p/ Revenda

Rua 62 n.ºs 227-231 Telef. 922986 ESPINHO

### LIMA BASTOS

ADVOGADO

Escritório  
Largo de Camões — Telefone 96281  
VILA DA FEIRA

Residência;  
Av. 24 n.º 245-1.º — Tel. 922904  
ESPINHO

### ISAURA

CABELEIREIRA

Rua 16 n.º 752  
ESPINHO

### CICLOMOTORES DE ESPINHO

ANTÓNIO F. DE SÁ ALVES

Armazém de acessórios para qualquer marca de motorizadas e bicicletas

Motorizadas — Bicicletas — Acessórios

Rua 20 n.º 735 Tel. 920216 Apartado 107 ESPINHO

## A SORTE ESPERA POR SI

Na sequência do que já informámos há duas semanas, podemos confirmar definitivamente o completo êxito que constitui o lançamento da segunda série de rifas da Nascente. Distribuídas por cerca de trinta amigos da Cooperativa, foi com rapidez e sem dificuldades que os mil cartões no valor global de 600 contos encontraram pessoas interessadas em os adquirir, num sinal evidente da aceitação que a actividade da Cooperativa Nascente vem merecendo e do desejo de muitos amigos em contribuir para diminuir as habituais dificuldades económicas, colaborando assim para possibilitar melhores condi-

ções para o trabalho a desenvolver.

Os prémios começaram a sair semanalmente e a serem noticiados neste jornal, mas há ainda uma última oportunidade para os amigos que não tiveram

oportunidade de comprar a sua rifa. É que ainda há alguns, poucos números por passar, cuja lista passamos a indicar para que os interessados possam adquiri-los: 157, 296, 413, 609, 684, 688, 692, 693, 694, 695, 697, 712, 745.

### RIFAS DA NASCENTE

3.ª Semana — Extração de 21-9-78

960	1.000\$00	João Barbosa
060	100\$00	Iria Lopes
160	100\$00	Alvaro Monteiro
260	100\$00	Virgínia Barrosa
360	100\$00	Abel Alves Teixeira
460	100\$00	Manuel Soares
560	100\$00	Livraria Raimundo
660	100\$00	José Marques
760	100\$00	Lito Fonseca
860	100\$00	António Estevão de Almeida

Leia e critique «MARÉ VIVA»



# INTERSINDICAL desde há 8 anos

Em 1 de Outubro de 1970 foi criada a Intersindical numa reunião de várias direcções sindicais, facto que mais uma vez vai ser comemorado em todo o País aos mais diversos níveis das organizações inscritas no movimento sindical unitário. Regista-se assim uma data do mais alto significado para o movimento sindical e para os trabalhadores, de conteúdo bem diferente do que tem presidido à criação de outras «centrais sindicais» que bem conhecemos. Não é por isso demais recordar as circunstâncias em que foi criada a Intersindical.

Tomado o poder, o fascismo desencadeou desde logo um cerrado ataque às organizações de trabalhadores então existentes. Começou por criar os Sindicatos Nacionais, ilegalizando todas as verdadeiras estruturas sindicais e legislando de modo que todo o aparelho sindical corporativo ficasse sob a dominação do «Estado Novo» e do patronato.

Apesar desta estrutura repressiva, a luta dos trabalhadores manteve-se acesa durante as dé-

dições de elegibilidade dos candidatos e o 49212 que instituiu algumas facilidades de negociação contratual.

Estes dois decretos saídos na chamada «primavera marcelista» permitiram a eleição de várias direcções sindicais legitimamente representativas dos trabalhadores. Mas a ditadura fascista cedo descobriu que não poderia sobreviver a quaisquer liberalizações e lançou nova legislação repressiva que se substanciou na publicação em

documentos de protesto contra os referidos decretos, nascendo assim, e alargando-se o movimento sindical, que em Janeiro de 1971 contava já com 41 sindicatos.

A repressão não demorou muito e em Junho e Julho do mesmo ano são presos alguns dirigentes sindicais, seguindo-se-lhe mais tarde o encerramento dos Sindicatos dos Bancários de Lisboa e do Porto, com o objectivo comum de aniquilar a Intersindical.

Mas o trabalho da Intersindical continua. As reuniões passam a fazer-se na semi-clandestinidade, sendo marcadas com uma antecedência mínima, quer as datas quer os locais. Este trabalho de base desenvolvido nos Sindicatos a partir das reuniões vem permitir nos anos seguintes algumas grandes movimentações de trabalhadores. O movimento sindical resistia, mais do que isso crescia, e foi a Intersindical que o trouxe até ao 25 de Abril.

E aí a temos hoje, mais forte do que nunca, depois do também histórico Congresso de Sindicatos, agora a C.G.T.P./Intersindical.



cadadas que se seguiram, desenvolvendo-se sobretudo ao nível de empresas, onde a organização era mais fácil.

Mais tarde, com a morte do velho ditador, o capitalismo sentiu necessidade de desviar a luta dos trabalhadores das suas empresas e Marcelo Caetano, pressionado pela opinião pública nacional e internacional, decide fornecer uma capa de liberalismo ao regime. Entre outras medidas, promulga dois decretos-lei: o 49408 que substituiu a homologação ministerial dos Corpos Gerentes dos Sindicatos pela verificação prévia das con-

dições de elegibilidade dos candidatos e o 49212 que instituiu algumas facilidades de negociação contratual. Outubro de 1970 dos decretos 492/70 e 502/70, voltando a impor a repressão na contratação colectiva e permitindo a suspensão de direcções sindicais e o encerramento de sindicatos.

Sabendo da saída próxima destes decretos, algumas direcções sindicais reagiram e no dia 1 de Outubro realizaram uma reunião, de cuja ordem de trabalhos sobressaía o ponto «Censura e liberdade de reunião», e donde saiu a Intersindical.

Foi o ponto de partida para novas reuniões, a elaboração de

## COMÍCIO EM ÁGUEDA

Comemora-se no próximo domingo o 8.º aniversário da formação da Intersindical, que ao longo destes anos tem sabido corresponder à combatividade e à união dos trabalhadores portugueses. Numa altura em que mais uma vez se multiplicam as iniciativas divisionistas visando o movimento sindical, as comemorações desta data serão uma importante reafirmação da disposição por parte dos

trabalhadores em manterem a sua unidade.

No nosso distrito esta data será assinalada pela realização de um convívio que terá lugar domingo pelas 18 horas na Escola Secundária de Águeda e que contará com uma intervenção do secretariado da CGTP/IN e ainda com a participação dos cantores Adriano Correia de Oliveira, Luísa Bastos, José Jorge Letria e Pinto de Oliveira.

## COMO VAI SER O ANO ESCOLAR?

O novo ano escolar está prestes a iniciar-se, embora haja indicações de que antes de meados de Outubro as ruas da cidade não ganhem o movimento característico dos grupos de estudantes que vão e vêm das escolas que frequentam. Pelo menos a julgar pelo que já foi publicamente declarado por pessoa responsável, ainda não será desta que o tradicional primeiro dia de aulas coincidirá com o início do mês pelo menos no Secundário.

Mas para saber como vão as coisas nesta cidade que movimento alguns milhares de estudantes e professores, começamos hoje uma ronda por algumas das principais escolas e níveis de ensino, na intenção de fornecer informações em primeira mão a quantos, pais e estudantes, aguardam, com a curiosidade de quem já se habituou a surpresas muitas vezes pouco agradáveis, o que ano lectivo 78/79 lhes irá trazer.

### Na Escola Secundária de Espinho

Na Escola Secundária de Espinho (ex-Escola Industrial) viemos a saber que o trabalho de preparação das actividades está já bastante adiantado, tendo-nos sido dito que há a convicção de que tudo estará a postos no fim deste mês. Por tudo estar a postos deve entender-se salas preparadas, material devidamente arranjado, tendo sobretudo em atenção as necessidades exigidas pelas novas disciplinas, e, claro, horários prontos. E não é trabalho fácil resolver o problema da elaboração de horários que tenham em conta o mais possível as justas expectativas de quem com eles vai trabalhar. Segundo nos foi confiado houve grandes dificuldades nalguns aspectos particulares, como seja o caso do 7.º ano unificado, mas que foram ultrapassadas tendo sido possível elaborar horários-tipo segundo os quais os alunos daquele ano terão aulas todas as manhãs, excepto sábado, e ainda em duas tardes da semana. Ainda quanto ao Unificado, de lamentar a deficiente colabora-

## REFORMA AGRÁRIA: dos trabalhadores o exemplo

A agricultura esteve particularmente em foco na última semana, com a apresentação dum Plano de Produção por parte das Cooperativas e UCP's do Sul do país e a realização dum encontro nacional das Uniãoes Distritais de Agricultores, sob a égide da Confederação Nacional da Agricultura.

O Plano de Produção definido pelas Cooperativas e Unidades Colectivas do país, constitui uma inovação na política agrícola do país, sendo a primeira vez que — por iniciativa dos próprios trabalhadores — se estabelece um plano de produção agro-pecuário, com vista ao desenvolvimento equilibrado da agricultura no Sul do país e tendo em conta as disponibilidades e as necessidades da economia e do povo português. Simultaneamente, os trabalhadores estabeleceram também um plano conjunto que orientará a campanha de sementeiras para o Outono e Inverno. Os trabalhadores agrícolas dão

assim uma prova da sua elevada consciência do interesse nacional, mostrando uma vitalidade que aqueles que têm tentado destruir as suas conquistas por certo não esperariam.

Em outra frente, os pequenos e médios agricultores do Norte e Centro também procuram reforçar a sua organização, com o encontro nacional das UDA's. Tarefa bem mais difícil, dadas as características da propriedade na zona em questão e a permeabilidade que têm muitos pequenos agricultores, sem apoio e em grandes dificuldades, perante as manobras reaccionárias lideradas pela CAP. A Confederação Nacional da Agricultura dá assim, a pouco e pouco, passos seguros na organização dos agricultores e no seu desvio do enquadramento que a reacção lhes tem conseguido fazer.

Dois iniciativas com o mesmo objectivo: ganhar a agricultura para o povo, tirando terreno à direita.

belecimentos de ensino, a instalação deste novo ano não trouxe problemas de maior. Isso fica a dever-se a que as áreas de estudo que irão ali funcionar — estudos científico-tecnológicos e estudos económico-sociais — se inserem praticamente na linha de ensino que já era ministrado naquela escola. Daí que as quatro turmas existentes, e que se dividem pela electrotecnia e metalotecnia (científico-tecnológicos) e secretariado e contabilidade e administração (económico-sociais) disponham de boas instalações, em que sobressaem as óptimas oficinas.

Todos os alunos disporão ainda da cantina, como vem sendo habitual, que no ano passado servia uma média de 300 refeições diárias, bem como de um bar para uns «comes» mais apressados. De salientar ainda como apoio aos estudantes o funcionamento da biblioteca até às 22 horas, por forma a poder servir também os alunos do curso nocturno, e que serão em número significativo, pois formarão doze turmas.

Como dados finais, refira-se o número total de alunos diurnos, que deverá atingir os 1.200 e o de professores, que está previsto seja de cerca de 70 55 dos quais já ao serviço da escola neste momento. Estes números são francamente inferiores em relação aos do ano passado, o que ficará por certo a dever-se à abertura de outros estabelecimentos de ensino na região, e ainda, pode supor-se, a um crescente desinteresse por parte de muitos jovens e seus familiares que cada vez vêm menor saída profissional após os estudos. Assunto importante e a que esperamos voltar.

## STAND SERZEDENSE

António Martins da Silva

Assistência Total

Agente: SACHS SIS — EFS

Tel. 9620675 — SERZEDO

V. N. DE GAIA

FÁBRICA DA BRASILEIRA



Ramiro de Sá Couto, L.da

Caixas de Cartão Canelado

Papéis - Embalagens - Artes Gráficas

Telefone 967101 Apartado 11 S. Paio de Oleiros

Reparações em instalações eléctricas

e em todos os electrodomésticos

**ELECTRO PRONTO**

MIRANDA & LEITE, LDA.

Venda de todo o material electrodoméstico e de baixa tensão

Rua 18 n.º 955

Telef. 923259

ESPINHO



# CCTV - INDÚSTRIA QUÍMICA

**Pelo Início das Negociações !**

**Contra o Boicote do Patronato !**

**Contra a Legislação Anti-Operária !**

**Pela Liberdade de Negociação Colectiva !**

**Pela Melhoria das Condições de Vida !**

# GREVE

## 3 OUT. 78

### das 15 às 17 horas

# Unidos e Organizados Venceremos

**Comissão Sindical Negociadora**



## AMADORAS DO S. C. E.

### Como irá ser a nova época

Como é sabido de muita gente, as secções amadoras do SCE têm nos últimos anos vindo a crescer bastante, tanto quanto ao número de praticantes como quanto aos resultados obtidos. E se tal se deve em parte à boa organização directiva que o Departamento tem demonstrado possuir, a maior parte dos elogios deve ir para o «exército» de carolas que com o seu trabalho anónimo nas secções no dia a dia têm conseguido manter a «máquina» a «produzir» cada vez mais.

Mas como irá ser a nova época é uma pergunta que as pessoas mais ligadas às Amadoras põem todos os dias aos elementos das secções e que muitas pessoas amantes do desporto também fazem.

Claro que ao grande público só interessam os títulos, nunca se lembrando que al-

gumas das outras equipas treinam tanto ou mais do que as do SCE e têm também bons jogadores. Por isso exigir vitórias e fazer holocaustos às pessoas quando tal não se consegue é uma prática errada e que, para bem do desporto, deveria acabar definitivamente.

Pois quanto às possibilidades das equipas das diferentes modalidades elas são obviamente diferentes. Enquanto no voleibol há equipas com potencial para discutir os primeiros lugares (não nos referimos aos seniores masculinos já que, em nossa opinião, o Porto deverá ser o campeão novamente devido ao seu potencial humano e financeiro) no andebol as opções imediatas deverão ser as de fazer jogadores nas camadas jovens, já que uma equipa sénior formada à base de elementos de fora de Espinho é sempre

um risco para épocas futuras. No entanto, para esta época julgamos que os seniores poderão fazer um campeonato razoável dado que conseguiram bons reforços em relação à época passada. No atletismo enquanto as condições de treino não melhorarem (para quando uma pista?) a evolução está limitada às condições existentes. Mas para além de Leitão iremos ter alguma revelação? Finalmente temos o badminton (agora sem o prof. Gouveia) e a ginástica. A primeira vamos ver como resiste à saída do seu principal obreiro. Na segunda estamos certos de que os progressos registados durante a época passada (principalmente em ginástica desportiva) serão para continuar.

E pronto. A época vai começar. Aguardemos para ver como é.

## JOGOS SEM BARREIRAS

### RTP DEMOROU, DEMOROU, DEMOROU...

valos e as pausas entre cada prova deste primeiro jogo rondaram os dez minutos, apesar dos esforços da organização. As responsabilidades maiores nestas quebras de ritmo eram mesmo da RTP e das suas quairo câmaras que não chegavam para as encomendas. Qualquer coisa servia para passar o tempo. Um desses momentos surgiu quando a locutora Maria Margarida começou a subir os degraus da primeira prancha, havendo quem pensasse que ia haver um salto como extra. Debalde, pois a «Guidinha» apenas procurava uma melhor visão estratégica dos acontecimentos.

#### OS «JOKERS» TÊM DESTAS COISAS...

Pois dizíamos que as coisas não correram bem neste primeiro jogo. A classificação dos espinhenses até nem foi má (2.º lugar com 7 pontos), mas não é que a Póvoa, que tinha escolhido o «Joker» (pontuação a dobrar) não tinha obtido o melhor tempo? Resultado: os poveiros fizeram 2x8=16 pontos e passaram para a frente na geral. Houve mais quem utilizasse o «Joker» (Esposende, Braga e Vizela) mas sem igual proveito. Vizela deu-se mesmo ao luxo de só multiplicar por dois o ponto equivalente ao último lugar. Algo preocupados com a «debacle» dos vizelenses, fomos logo descansados por alguém ao nosso lado, mais dentro desta coisa dos jogos: «Vizela? Já é costume».

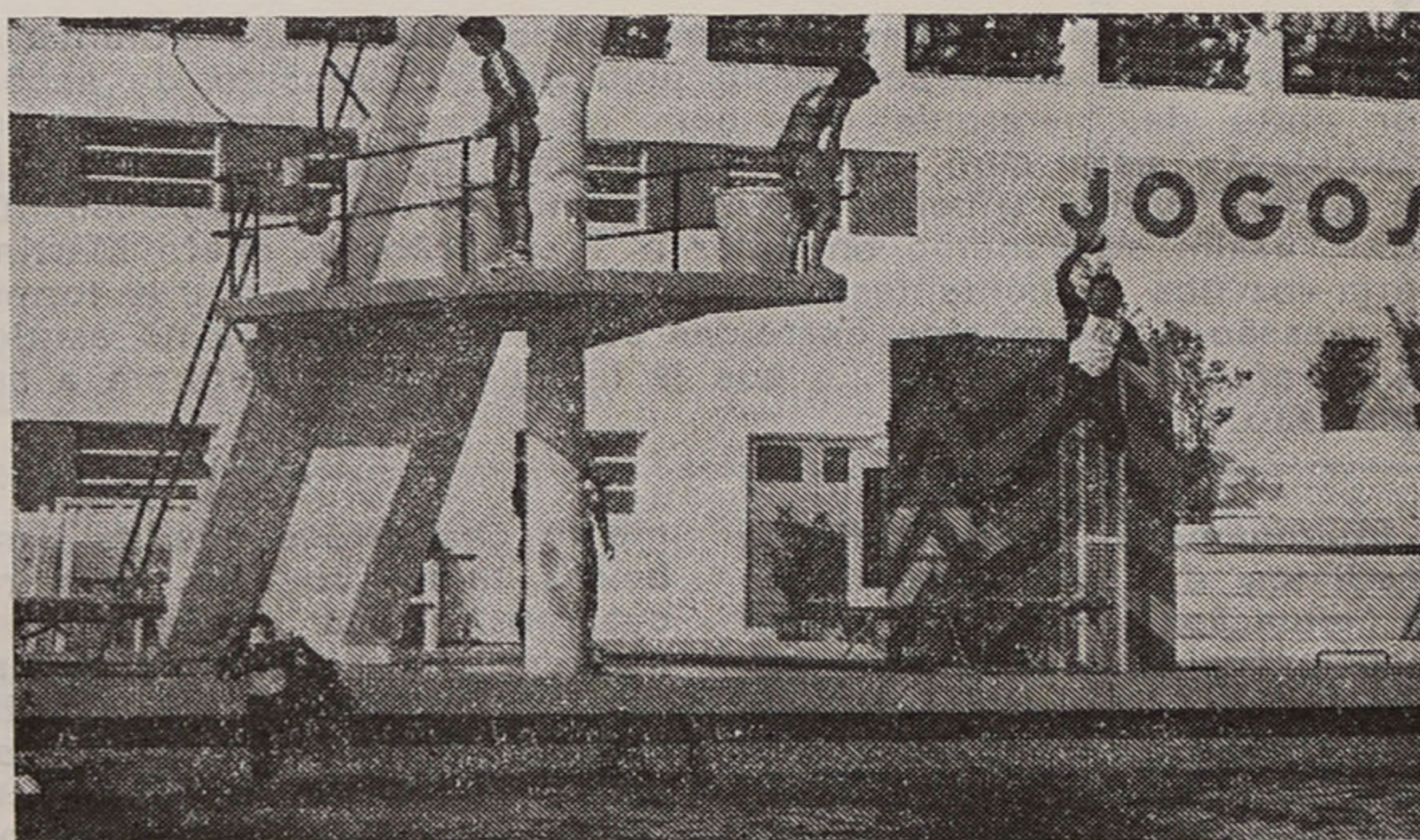
Ainda não sabíamos que a segunda prova só começaria às quatro horas quando vimos aparecer o outro locutor da RTP, José Corte-Real, com um aspecto muito desportivo como convinha. Dirigiu-se à sua colega Maria Margarida e deu-lhe as boas tardes, beijando-a tão efusivamente que não nos ficaram quaisquer dúvidas: «Temos homem».

A segunda prova era a oportunidade de Espinho mudar os acontecimentos, tanto mais que tinha o «Joker». Uma prova bem mais simples do que a anterior e que se viria a revelar a de maior efeito espectacular: duas

bolas, uma de cada lado, ao nível da primeira prancha e suspensas por um fio fixado na segunda, deveriam ser apanhadas pelos concorrentes, que para isso saltavam sobre uma pequena mesa elástica. A queda de água seguia-se o seu transporte para

sem sucesso e quase todas as equipas a entriam só três bolas no cesto supradito. Espinho fazia mesmo os 16 pontos, Póvoa fez 6 e tudo voltava ao princípio. Melhor: Espinho não só recuperava o comando da geral, como o destas jornadas.

continuação da página 8



NO SEGUNDO JOGO ESPINHO DÁ ESPECTÁCULO

terra e para um cesto ali à beira. Nova bola, novo salto, até que terminassem os dois minutos e meio.

Na primeira das quatro séries, Espinho forneceu o melhor momento da tarde encostando sete bolas, contra três de Braga. Apesar disso, um dos elementos da organização, fazendo uma pausa na sua lufalufa constante, não escondia o seu desalento: «Já perdemos os jogos. Nos treinos apanhávamos as bolas todas e agora foi isto!» O seu pessimismo não se viria no entanto a confirmar, pois só Vila do Conde se aproximou com seis bolas. O resto foi uma série de saltos para a água

#### GAIVOTAS E COCA-COLAS

Para desilusão dos que esfregavam as mãos e diziam: «Vamos ao terceiro jogo, que isto é uma pressinha», a prova seguinte só começou às 17,12. Ouvia-se o relato do futebol («O Espinho já está a perder!»), contavam-se as gaivotas que sobrevoavam a piscina («Vem aí mudança de tempo...») e toda a gente, isto é, toda a gente da organização, do júri, dos concorrentes, da R.T.P. e da imprensa ia bebendo «Coca-Colas» que, pelos vistos, eram de graça. Nós também aproveitámos («Deixa dar aí um gole»),

## Taça de Portugal

### Vianense, 1 - Espinho, 2

#### A EXIBIÇÃO E... O RESULTADO

Esta vitória, fora de casa e num terreno onde o Aves havia sido goleado há 15 dias por 6-0 para o Nacional, contem em si boas indicações quanto à competitividade dos espinhenses nas suas deslocações. Já o jogo de há uma semana, em Chaves, mostrara um Espinho empreendedor, nada defensivo, só que o resultado não premiara a exibição. Desta vez, a exibição repetiu-se, com conclusão diferente e a garantir a continuação nesta Taça de Portugal.

Um aspecto a não perder de vista será a tranquilidade com que as duas equipas terão encarado o jogo. A Taça não res-

ponsabiliza tanto como o Campeonato e, além disso, a equipa derrotada tem, nesta primeira eliminatória, a oportunidade de ser repescada se vencer uma nova eliminatória que envolve as equipas derrotadas. De qualquer modo, os dois golos de Mória e Canavarro arrumaram a questão e só se espera que o próximo sorteio nos dê um jogo no Campo da Avenida. Vai sendo tempo...

Entretanto, no Nacional, os jogos em casa estão garantidos em número de 15 e o próximo traz-nos o Aves como visitante, equipa que não deverá causar muitos problemas.

#### E os Juniores não ficaram atrás

### ACADÉMICO DE VISEU, 0 — ESPINHO, 1

Os juniores não quiseram ficar atrás dos seus colegas mais velhos e vai de ganhar também em terreno alheio. A conclusão a tirar é que temos equipa, que, pelos vistos, até nem é muito permeável ao factor ambiente, o que seria de temer em jovens com reduzida experiência. Como já dissemos há uma semana, a série que nos coube

não parece ser difícil, sucedendo até que, pelo nome que ostenta, este Académico de Viseu não deve ser das equipas mais fáceis. Duplo mérito portanto para os pupilos de João Félix, que ainda por cima não puderam contar com o promissor extremo-esquerdo Hermínio, lesionado há oito dias. E vão dois jogos, com duas vitórias.

não porque apreciemos muito o refrigerante, mas porque não queríamos deixar ficar mal os nossos leitores.

Pois às 17,12 em ponto lá começou a terceira prova depois dos locutores da R.T.P. terem tentado por três vezes introduzir o jogo com uma larcha que os leitores, se quiserem, poderão ver na TV.

Duas séries de concorrentes vestidos de naufragos saíram de barco, em direcção à sua plataforma, onde tinham de erigir uma casa. O mais rápido ganhava e o mais rápido foi Viana que fez 8 pontos. Espinho foi terceiro (6 pontos), Póvoa quinto (4 pontos) e Vila do Conde,

que até aí não vinha a dar luta, fez segundo com «Joker» (14 pontos). O problema para o quarto e último jogo já não era «Os Jogos de 1978» (Espinho já tinha ganho), mas as «Jornadas de Espinho». 29 pontos dos da casa, contra 26 da Póvoa e de Vila do Conde.

A última prova, começou já depois das seis da tarde, com um elemento da organização a desabafar: «Todos os outros tiveram 15 dias para organizarem os seus jogos e nós só uma semana». Bem, a organização não terá sido impecável, a última prova foi mesmo sensaborana, mas é às dificuldades da RTP que cabem as maiores responsabilidades na falta de ritmo destes espectáculos.

#### NOTA SOLTA

Estão os «Jogos sem Barreiras» expostos a várias críticas, que incidirão fundamentalmente no facto de a elevada verba que a RTP investiu na sua organização não ter a devida correspondência em termos de espectáculo televisivo.

Apesar de tudo, há que lhes reconhecer certas virtudes. E uma delas, residiu no convívio que se estabeleceu entre todas as equipas, alicerçado em oito semanas de contactos. Foi assim na festa de sábado, no PraiaGolfe, em que as equipas participaram num concurso de variedades, também o foi no jantar-festa de encerramento no mesmo hotel, e onde, pelas atitudes, não foi possível distinguir vencidos nem vencedores.

#### VAMOS AOS EUROPEUS?

Como dizíamos, a quarta prova foi a menos interessante e constava do transporte de «peixes» (sacos de areia) dum barco para terra, por meio de linha, e depois em canasta para uma espécie de «lota». Ganhou Vila do Conde e como Espinho foi quarto, acabaram por empatar as duas equipas no primeiro lugar (34 pontos), seguidos da Póvoa com 33.

Os jogos acabaram com a distribuição dos prémios e a assistência que esperava ver Espinho vencer, saiu a não dar por perdidos os incitamentos que concedeu à sua equipa, com relevo para os mais miúdos que constituíram a falange de apoio. E não falta quem vá dizendo que deve ser Espinho a representar Portugal nos «Jogos sem Fronteira», assim ao jeito do futebol.

SOCIEDADE  
**MALHAS COPITEX**  
LDA.  
Confecção de Malhas para  
Criança e Adulto  
Rua 22 n.º 1200  
Apartado 76 ESPINHO

**PNEUS CAR**  
Centro de Vendas de Pneus  
Nacionais e Estrangeiros  
Assistência Técnica  
— Alinhamento de Direcções  
— Vulcanização de Câmaras  
— Equilíbrio de Rodas  
TEL. 926328  
Rua 18 n.º 1010—ESPINHO

#### Pinto de Matos

Médico Especialista ex-Assistente  
dos Serviços de Ortopedia das  
Universidades de Lausanne  
e Edimburgo  
Fracturas e Doenças dos Ossos  
e Articulações  
Rua 19 n.º 364-1.º — Telef. 921218  
ESPINHO  
Ausente até 13 de Setembro



## CONCURSO NASCENTE

### Inquérito a um cidadão suspeito

Um fecho de luz cortou as trevas incidindo sobre o vulto tão esparramado na cadeira que esta parecia nascer-lhe naturalmente do corpo; dois braços, duas pernas, uma cadeira, etc. O vulto cinzento, anónimo, racionalmente uma fusão do negrume da sala com a brancura do feixe de luz. Lembra-se no seu amorfismo, uma alga, um polvo, um homem amorfo ou qualquer pisão indistinta de algo que se não conhece.

A voz surgiu doce e metálica, ricocheteando nas paredes da sala até encontrar o seu alvo; o homem amorfo.

— Sim, nós sabemos tudo. Será completamente inadmissível que o tente negar. Sabemos quando nasceu como e porquê. Sabemos como vive e porque vive. Sabemos a cor dos seus sapatos e o tamanho do seu chapéu. Sabemos tudo a seu respeito nos mais íntimos pormenores e a pergunta que lhe fiz não é mais que um pequeno pró-forma.

O Grande Inquisidor calou-se. O seu vulto que até aí apenas se adivinhava, tornou-se claro atrás da secretária que o inquirido enfrentava. O seu rosto surgiu à luz do reflector. Perfeito. Geometricamente lógico e milimetricamente estético. Aperfeiçoado dia a dia com novas informações sobre a natureza de todas as coisas.

Esperou em vão uma resposta sem que o seu rosto desenhasse qualquer sinal positivo ou negativo tradutor de qualquer forma de sentimento não cibernético.

— Duvida das minhas palavras? Todos têm direito ao seu quinhão de loucura,

mas neste caso ela é absolutamente desnecessária. As informações que temos a seu respeito são perfeitamente claras. Graças a elas pôde finalmente o Grande Cérebro iniciar o seu processo. Não há qualquer fuga possível. A resposta que eu lhe peço é, como já lhe disse, um mero pró-forma que nos permitirá encerrar o caso e proceder de acordo com os resultados.

A expectativa caiu na sala como um ruído surdo. O Grande Inquisidor falara. Tudo o que se poderia dizer sobre o assunto fora admiravelmente sintetizado. Nem uma palavra a mais. Nem uma palavra cuja falta deturpasse qualquer linha do raciocínio. Contadas, pesadas e medidas, as palavras formavam o gráfico exacto do qual apenas faltava retirar a conclusão. A sábia insinuação de que fora o Grande Cérebro em pessoa, quem iniciara a longa cadeia que ele devia concluir, para além de realçar a sua importância hierárquica, servira para extrair do inquirido qualquer veleidade de uma possível vitória mental sobre o Sistema.

O vulto gaguejou como se as suas engrenagens tivessem dificuldades em adaptar-se à ideia de que não havia fuga possível. As palavras brotaram-lhe secas e cansadas como corolário de todas as premissas estabelecidas naquela noite:

— Estatisticamente todos os elefantes são iguais.

O Grande Inquisidor fez desenhos no seu rosto o esboço de um sorriso quase humano.

— Levem-no e juntem-no às outras máquinas.

Bernardo Ferrão



## PONTO DE VISTA

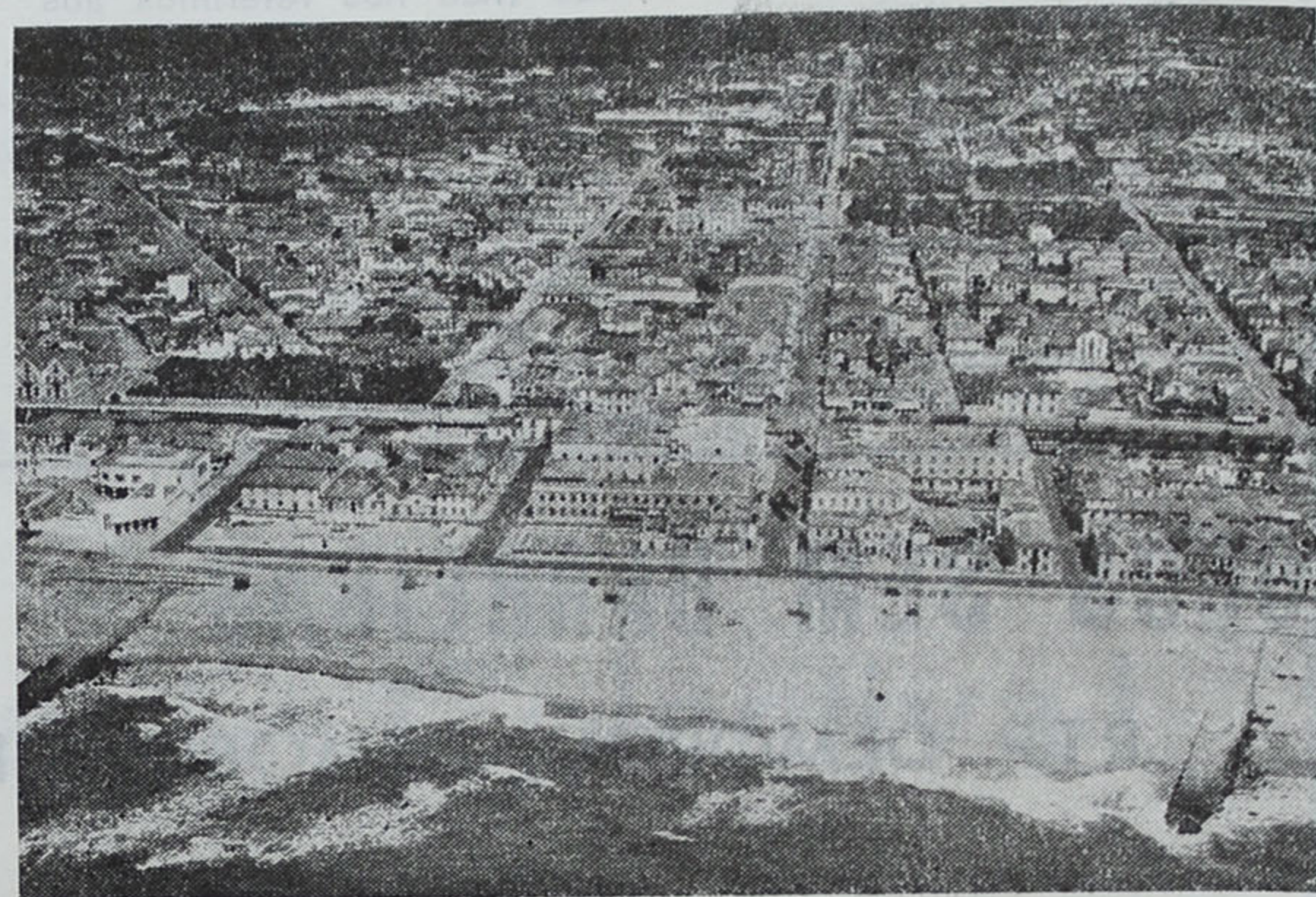
### TURISMO

Com o Verão a aproximar-se rapidamente do fim, será talvez o momento para uma breve reflexão sobre o que foi entre nós a época turística que agora termina. Sabido que Espinho depende cada vez menos do movimento turístico, e isto porque conseguiu já redimensionar a sua vida de cidade progressiva em volta de uma feira única no seu género, uma indústria activa e um comércio florescente, não se poderá, mesmo assim, ignorar o contributo positivo que a actividade turística pode dar na resolução de alguns dos problemas que continuam a afectar a cidade. Sobretudo porque da resolução desses problemas resultará uma maior qualidade de vida para a população fixa ao longo de todo o ano, o que é tanto ou mais importante do que satisfazer as necessidades de quem nos visita por apenas alguns dias.

Em entrevista recentemente concedida a este jornal, o presidente da Comissão Municipal de Turismo expunha desenvolvimentos as suas ideias sobre o desenvolvimento turístico de Espinho, argumentando principalmente com a falta de camas para

justificar uma evidente falta de iniciativa que não escapa a ninguém, como não escaparam, na referida entrevista, as contradições e erros de perspectivas com origem na ausência de linhas gerais e claras de actuação para a Comissão Municipal de Turismo. Daí que se afirme, por um lado, que a ex-Comissão de Festas não tinha qualquer interesse, por isso foi extinta, e que existe agora um grupo de pessoas que trabalha como se a ela pertencesse... mas que serão, por certo, mais mol-dáveis e menos críticas perante o actual responsável pelo pelouro e respectivas concepções de desenvolvimento turístico. Ou que, por outro lado, se aponte a necessidade de se manter um número de realizações regulares durante o Verão, assistindo-se na prática a um programa extremamente

continua na página 4



## BOMBEIROS V. DE ESPINHO

Nas últimas semanas, a situação nos Bombeiros Voluntários de Espinho tem-se caracterizado pelo desenvolvimento de acções por parte da hierarquia que bem poderão ser qualificadas de intimidação para com os bombeiros que contestam a actuação do senhor Veiga Ribeiro como comandante da Corporação. De facto, assim se poderão entender a destituição do chefe Martins, porta-voz dos descontentes, da chefia do pessoal, e outras formas de pressão que têm sido exercidas sobre os bombeiros no sentido de os afastar da sua luta, o que já levou alguns a pedirem a sua demissão.

Efectivamente, os reflexos imediatos da denúncia pública da situação existente naquela associação saldaram-se na publicação de um ordem de serviço com a indicação das responsabilidades dos graduados, notando-se a exclusão do chefe Martins da chefia do pessoal. E isto sem que se procedesse a qualquer inquérito, sem que ao destituído fosse movido qualquer processo disciplinar, sem que o atingido fosse ao menos ouvido previamente. Nem sequer do facto lhe foi dado conhecimento, a não ser através da referida ordem de serviço. Enfim, processos caducos de exercer o comando que se harmonizam perfeitamente com afirmações públicas do comandante Veiga Ribeiro que, antes de iniciado o inquérito, já declarava peremptoriamente que alguns bombeiros iriam para a rua. É caso para nos interrogarmos se as razões porque não foi levantado um inquérito ao chefe Martins terão alguma coisa a ver com o facto de, por se tratar de um graduado, o inquérito deve ser feito directamente na dependência dos serviços centrais de inspecção, o que daria outro alcance à situação.

Por outro lado, e ao que nos consta, a denúncia colectiva que foi feita à Direcção dos Bombeiros contra o comandante, com a alegação de irregularidades cometidas por este, não terá resultado na abertura de um inquérito aos factos apontados, com vista ao apura-

mento das razões que os bombeiros terão, ou não, para recusarem o seu comandante e pedirem a sua substituição, mas sim na abertura de um inquérito dirigido a apurar possíveis faltas dos bombeiros mais activistas para lhes ser posteriormente movido o correspondente processo disciplinar. Assim se invertem as coisas, transformando com a maior das calmas o acusador em acusado. Mas custa-nos a acreditar que na Direcção dos Bombeiros Voluntários de Espinho não haja nenhum elemento cuja visão dos factos o impeça de embarcar no que seria uma manobra suja, tanto mais que pelo menos num caso de bombeiro acusado de se recusar a prestar serviço é já de conhecimento geral que o próprio graduado autor da participação terá já reconhecido que o bombeiro em questão nunca se recusou a prestar serviço. Enfim, manobras que levam de facto a suspeitar que não se trata de fazer justiça a quem a tem, como seria de exigir num inquérito rigoroso, mas sim de criar condições para afastar vozes incómodas.

E não se tomará em consideração que é possível que no caso de os três bombeiros agora inquiridos virem a ser expulsos outros se solidarizem com eles e abandonem as fileiras? Ou será que é isso mesmo que se pretende? Mais do que tomar medidas que acabam por impedir a clarificação da situação e que prejudicam os interesses da Corporação e da população, porque não se faz uma investigação correcta e aprofundada do assunto? Porque não promove a direcção uma reunião com todos os bombeiros e tenta averiguar directamente as suas razões?

O que está em causa, neste momento, é a actuação do comandante. Foi esta que foi contestada. Foi contra a sua pessoa e a sua acção de comandante que foram feitas graves acusações. É a verdade e as razões desta denúncia que a Direcção dos Bombeiros Voluntários de Espinho tem obrigação de mandar averiguar para agir em conformidade. O inquérito que os bombeiros pediram, que os associados da Corporação têm o direito de exigir e que, afinal, toda a população do concelho espera, é à actuação do comandante, pois essa é que está posta em causa. E a associação dos Bombeiros não é a horta da sua direcção para que esta possa fazer o que lhe apetece e não aquilo que a justiça e até o simples bom senso impõem. Ainda esperamos que tal aconteça.



PORTE PAGO

## Uma hora de Jogos sem Barreiras, três de intervalos

### — ESPINHO venceu os jogos de 78 e as últimas jornadas com Vila do Conde

Domingo à tarde não houve futebol no Campo da Avenida. Mas houve «Jogos sem Barreiras» na Piscina. E o maior proveito foi sem dúvida para o Departamento das Actividades Amadoras do S. C. E., que terá aqui angariado uma parcela significativa para a rubrica das «Receitas Extraordinárias» com que sobrevive. Mil e quinhentos bilhetes vendidos e um número razoável de borlas explicam que se tenha encontrado a velha Piscina bem guardada de público, que extravasava de duas bancadas ali montadas e se espalhava pelos quatro cantos e os três andares do recinto.

Tudo pronto para começarem estas últimas jornadas, a expectativa quase geral centrava-se nos sete pontos que Espinho trazia de avanço sobre a Póvoa de Varzim, as únicas duas equipas com possibilidades de vencer esta edição de 1978. Os espinhenses chegaram a ter uma vantagem substancial, mas as

jornadas anteriores, em Vila do Conde, tinham-na quase anulada.

O primeiro jogo, muito complicado, veio complicar as coisas para a causa espinhense. Duas equipas de cada vez, três minutos para cada, um labirinto, um elevador, uma «slot-machine», escorregão para o tanque, passagem por três bóias gigantes, regresso a terra para fazer um «puzzle» com os cubos e os concorrentes mais mortos do que vivos depois do circuito. Um deles, de Esposende, simulou um desmaio com alguns resultados, mas o de Viana, que o resolveu imitar, já não teve o mesmo sucesso, pois quase ninguém lhe ligou e o rapaz não teve outro remédio senão levantar-se.

O público entretanto começava a aperceber-se de que ao vivo as coisas não se passam como na TV em que os jogos vêm logo uns atrás dos outros. Aqui não se cortavam os inter-

continua na página 7